



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Teresa de Albuquerque em sua carta ao mundo

Lídia Jorge

Para citar este documento / To cite this document:

Lídia Jorge, "Teresa de Albuquerque em sua carta ao mundo", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 136-141.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

LÍDIA JORGE

Teresa de Albuquerque

em sua carta ao Mundo

Simão Botelho, meu amado esposo

Não te admires da configuração daquela que te há-de parecer uma bem estranha carta. Quando estas laudas chegarem às tuas mãos, saberás que as escrevi com tinta feita da cinza que dia e noite me rodeia, diluída na escorrenceza das minhas próprias lágrimas. Oxalá matérias tão precárias resistam à viagem e consigam levar-te saudações da minha parte, seja onde for que te encontres, e estejas tu acompanhado por quem quer que seja que o destino te tenha dado por amiga ou amante.

Pois pelo meu lado, se muito mudei, continuo a querer-te como no primeiro dia em que te vi cavalgando pelas ruas de Viseu, e a amar-te da mesma forma, sem refrigério nem apelo, como no último instante, quando te dirigiste ao portaló para receberes as minhas cartas, na nau que em breve partiria levando-te a caminho da Índia. Nessa hora, a minha vida acabou, Simão, mas a tua felicidade, fatalmente sem mim, continua a ser o meu maior cuidado. A tua felicidade é o meu destino. Vê como são as coisas, meu amado. Agora, pouco me importa que aquela, com quem fazias projetos de partilhar uma casinha nos arredores de Coimbra, já não se chame Teresa, nem que o peito onde sonhavas encostar a tua cabeça, já não seja o seu. A vida mudou, isto é, a morte mudou o que foi sonhado em vida. Mas o mais importante é que sei agora o que não sabia antes. E por isso posso dizer-te que a natureza daquela Eternidade que ora víamos como um paraíso perfeito, ora como um lugar de quietude e silêncio para onde os dois iríamos adormecer para sempre, afinal é muito diferente do que ambos imaginávamos. Posso dizer-te que se escrevo esta carta, é porque faço empenho em avisar-te para que não sejas tomado tu pela surpresa que a mim me prende. Meu divino esposo do céu, meu amado, estávamos enganados, a vida a partir daqui tem um sentido diferente. O amor que aí vivemos até ao desespero, cá deste lado, não tem o valor de um pinto, e os bens que pensávamos que nos conduziriam a um lugar de bom mereci-

mento, ficaram pelo caminho. Grande dolo. Só o meu amor por ti, meu adorado esposo, continua igual, absoluto e derradeiro, e por isso preciso explicar-te o que por cá se passa, antes que seja tarde. Podes crer. Tão grande é a minha emoção ao fazer esta denúncia, que me atrapalho nas letras de cinza que desenhado sobre este pedaço de sudário, e tão grande a minha urgência em fazer-to saber, que nem sei como chamar as palavras.

Mas talvez possas imaginar o que te espera, se te disser que naquele dia, junto às grades do mosteiro de Monchique, quando me despedi de ti, e percebi que não valia mais a pena lutar por permanecer na Terra, tudo se me revelou. Pois a princípio, à medida que eu desfalecia e as boas monjas me seguravam em seus braços, esta tua esposa ia sentindo o alívio do desprendimento do corpo, e uma leveza imensa a tomava. Ah, que sorte a minha! Assim pudesse o tempo ter parado aí, corpo e alma suspensos entre a vida e a morte. Que delícia. Aquele momento tinha a forma de uma recompensa. Lá fora, tu partias para o degredo acompanhado pela boa Mariana, atrás das grades da janela, eu partia para um outro lugar onde não era preciso barco, nem companhia humana que não fosse a ausência temporária de ti, meu bom Simão. Tão bem estavam o meu corpo e o meu espírito nessa passagem, que me julguei levada pelos anjos para um lugar de maravilha. Ali, diante do Douro, me entreguei ao trespasse, com a simplicidade com que um pássaro se entrega ao voo. Sem dificuldade alguma, me encostei ao que me parecia ser um doce apoio que eu não pedira, e de graça me era oferecido. Mas quando eu julgava que o cetim que me envolvia era feito do tecido das asas dos anjos, percebi que em vez de penas, eu me encostava a pêlos. Que em vez da frescura por que a minha febre nos últimos dias ansiava, quem me tomava oferecia-me uma superfície quente e húmida. Em vez do suporte luminoso que os seres celestiais, segundo a nossa imaginação, nos oferecem como recompensa pela nossa fidelidade, quem quer que fosse que me empurrava à frente de uma pança esponjosa, irradiava, pelo contrário, uma luz avermelhada e baça, e eu compreendi que, em vez de ser transportada para uma altura resplandecente, era conduzida a um lugar de baixo, penumbroso e instável. Seres que nunca vi completos ofereciam-me a sua sombra repugnante, e Teresa Clementina de Albuquerque, a tão amante, a tão amada, a que dera origem a uma lenda que então já muita gente comovia, em vez de ter tido a recompensa do céu, havia sido levada aos sítios inferiores deste espaço. Infelizmente o digo.

Infelizmente o digo, meu amado esposo.

Mas não te escrevo para que desgastes a tua vida com remorsos e pensamentos tristes, pois de nada valerá a tua compaixão por mim. Conto-te, como já disse, apenas para que possas reavaliar a tua vida, e conhecendo a natureza do que te espera, invertas o teu caminho colocando os olhos no futuro, ou, dele desdenhando, para que possas aproveitar, sem remorsos, dos bens que se te

depararem enquanto vivas. Crê, Simão, e por mim falo. Que, se por algum artificio milagroso eu pudesse voltar atrás, e regressasse à casa de meus pais, viveria bem de outro modo. Em vez de te conduzir aos extremos a que te levei, teria evitado a tua perda, impedindo a morte de Baltasar Coutinho, trabalhando eu junto de todos, de forma a afastar-vos em vez de vos reunir, proporcionando o fatal confronto. Triste foi aquela madrugada, diante do Convento, meu amado. Agora sei que mais vale negociar com o inimigo do que matá-lo, pois na morte de outro por nossa mão, vai a nossa vida também. E mais vale viver-se separado por muito tempo, na esperança de um encontro, ou na saudade de a ter tido, do que morrer cedo no rigor da obstinação. Mil são as formas de cumprir um enlevo. Que desajuizados fomos, Simão Botelho. Hoje, sendo vivos, mesmo que não tivéssemos casado, seríamos amantes em qualquer lugar da Terra, e tendo morrido, ocuparíamos a região premiada deste espaço além da morte, aquele que recompensa a felicidade e o riso.

Em vez disso, pelo que ouço contar àqueles que habitam esta zona fumarenta onde me encontro, aqui se castigam os voluntariosos porque rígidos, os íntegros no sentimento porque não negociam, os destemidos do amor, sob o pretexto de que não sabem esperar, os puros porque não separam o comércio do corpo da castidade de uma alma que se guarda, indiferente à matéria que se corrompe, e outras subtilidades por nós dois ignoradas. Crê, meu amado, que tudo isso aprendi ouvindo as narrativas daqueles que se cruzam comigo neste espaço onde me encontro condenada. Triste saldo, querido esposo. Afinal, sofremos para nada, ou apenas para a consolação da nossa obstinação e orgulho. Dia após dia, neste local de fumo e cinza, encontro parceiros que me confirmam. Por aqui vagueiam aqueles que em vida chamamos de amantes perfeitos, tomados neste mundo por cegos, estultos, incautos, precipitados, imprevidentes, e por isso condenados. Isso mesmo tenho eu ouvido da voz de uma das mais jovens companheiras com quem privo, uma menina de catorze anos, filha de uns certos italianos de Verona, que em vez de ter sido premiada pela coragem de se ter suicidado com o punhal do amante, foi relegada para este local de fumo e cinza, por se ter deixado adormecer com um soporífero, desencadeando uma sucessão de fatais enganos. Ah! Como ela fala de si mesma e do seu amado, ambos mortos, abraçados, no mausoléu dos Capuletos. Perfeitos amantes na Terra, incompreendidos aqui.

Mas esses, vítimas mais dos factos do que de si mesmos, ao menos morreram juntos, beijaram-se e amaram-se, e um frade casou-os em segredo. Cumpriram-se por um dia. Eu, porém, que nunca estive nos teus braços, sou mais punida por escuridão e privações do que qualquer outra. O que se passou connosco, meu Simão? Concluo que vivemos o nosso amor como sombras de objectos longínquos projectadas numa parede, nunca nos encontrámos a sós, e disso nos gabávamos como se essa provação fosse matéria de um triunfo.

À luz desta ordem desordenada que nos acolhe, pertencemos ao grupo dos mais desamparados. Triste como eu, só uma tal da Dinamarca que muito antes de mim cá veio parar, afogada que estive no fundo de uma ribeira, com a cabeça enfeitada de grinaldas feitas de palha, urtigas, ramos de salgueiro, e outras ervas das águas. Como eu, veio empurrada por uma daquelas panças húmidas, repelentes, desde os nórdicos campos de Elsinore até aqui. Pobre rapariga louca, amante de um príncipe louco, vítima de uma cidade onde tudo apodrecia, que, repudiada pelo louco, não soube aproveitar-se da afeição do guarda ou do cocheiro, entregando-se de alma e coração à privação do amor, tal como nós, para nada. Simão Botelho, meu divino esposo, aqui onde me encontro, entre Julieta e Ofélia, aprendo que este é o local da privação do amor. Eis o Inferno, o local onde a memória do sacrifício é sempre mais forte do que o amor. Aqui, nenhum de nós sabe falar de amor. Por isso somos tristes. Muitos vêm ver-nos por curiosidade. Sendo que eu e a dinamarquesa, de entre todas, somos as que merecemos maior lástima.

Digo-o, porque mais longe, lá onde a luz chega a ter um brilho vivo, deambulam os felizes. Esses, passam o tempo invocando olhares cruzados, encontros passionais que não proíbem o leite. Muitos descrevem beijos, carícias, partos, filhos, separações forçadas, raptos, fugas de castelos e conventos, encontros às escuras, fruições carnis que descrevem como divinas. Assim, uma tal Eloisa muito antiga vem visitar-me como se eu fosse um caso único, e lamenta-se por mim, como se fosse por si, contando-me a sua história rica, delícias da sua vida íntima, tendo sido ela aluna em privado do mestre, seu amor. Que aventuras conta. Depois, descrevendo a sua união final com Abelardo, parte consolada, pelo contraste entre as nossas histórias. E assim, eu penso, Simão, que alguma coisa de errado aconteceu na nossa vida que suplanta o ódio que nutriam entre si, os nossos pais e nossos inimigos. Nós, Simão, afinal, também tínhamos inimizade dentro de nós e usámo-la, sim, usámo-la por nós contra nós próprios. Usámo-la mal, fazendo do amor um pretexto e não um fim. Agora penso que talvez eu tenha sido feita para uma missão de força que as minhas poucas letras não me deixaram ver qual fosse, e tu, jacobino, deverias ter sido soldado, ou homem de política. Talvez tenhamos procurado, desde o primeiro instante, um pretexto para não nos encontrarmos, tão fugazes foram os nossos momentos de felicidade e de tal modo nos enredámos nos nossos passos. Ter-nos-emos enganado de propósito? Chego a pensar que sim, quando vejo que impuras meretrizes merecem melhor lugar do que eu e Ofélia, minha irmã na desventura. A questão é esta, Simão querido. Cá deste lado, o lugar da boa recompensa é um lugar de alegria, e esse está repleto de amores menores. Por muito que te espantes, aqui, desbragadas prostitutas sentam-se nos lugares de privilégio, e altas gargalhadas ouvem-se por toda a parte. O céu, meu amado, nada mais é do que o lugar do riso.

Sim, algumas impuras que habitam esses locais, descem troçando de nós, de mim, envolta em panos brancos chamuscados, e de Ofélia, coberta de nenúfares e urtigas. Troçam de nós, que não soubemos viver. Casos há de todo inexplicáveis. Vi com estes olhos da alma, que nenhuma terra há-de comer, vi a figura delirante de um homem montando um cavalo que de magro metia nojo, fazendo vénia a uma gorducha e despenteada camponesa, a quem ele chamava de divina Dulcineia, transformarem-se em grande motivo de prazer. Em torno das suas tristes figuras, todos aclamavam, todos riam, incluindo os próprios. O lugar dos foliões e dos cómicos, eis o lugar dos Céus. Para quê contar-te mais traços desta comédia, que tanto nos ofende, se pensarmos na seriedade que emprestámos aos três últimos anos das nossas existências, ligadas uma à outra pelo fio do impossível, fio que nós mesmos gostosamente desenrolámos, e com ele tricotámos a nossa vida?

Amado esposo do Céu, como sempre te nomeei. Onde te encontrarás?

Rogo a Deus, cuja bondade desisti de chamar no que me diz respeito, para que a diferença entre o tempo aqui passado e o terreno seja mínima ou nenhuma. Assim, possa eu sonhar que depois de longos meses tenhas chegado às praias da Índia, e que aquela rapariga, a filha de João da Cruz, te tenha seguido, e que com ela te tenhas entendido e esquecido o nosso amor, ou lembrado da sua impossibilidade, lhe tenhas feito filhos, que cresçam em volta da tua mesa. E que a Rainha te tenha enviado dinheiro bastante para vosso sustento, e assim tenhas podido aguentar boa manutenção. Oxalá que a tua vida tenha sido boa e repousada. Não duvido, querido esposo, que possas regressar a Portugal a tempo de lutares pela alteração dos costumes do teu país, como tanto ansiavas. Talvez regresse irrequieto, talvez recompensado. De letras, sou bem pobre. Mas dá para te fazer saber, a partir de aqui, que entre os salvos, os iluminados, aquele onde o Além é feito de riso e até de gargalhadas, desbragadas gargalhadas, se encontram pecadores que puxaram facas e terçaram armas, e homens que namoraram mil mulheres, e mulheres que foram para o leito com mil homens. E assim, Simão Botelho, desfruta do teu vigor, tal como ele é, tanto quanto te for possível. Por mim falo, pois não só na vida perdi a minha vida, como ainda por cima na morte perdi o que dela restava, a minha alma.

Não percas tu nem uma nem outra, meu amado esposo. Agora mesmo te imagino entrando num bergantim, Douro adentro, bem fornecido de oiro, fama e belos filhos, a mulher seis anos mais velha do que tu, ainda bela, levando em mente os favores do novo rei, e ao passares por Monchique, voltarás a cara contra o convento, desviando da tua vista a lembrança de que eu ali vivi, ali morri. Esquecendo que em tempos eu existi. O melhor deste estado é que podemos olhar para nós próprios como sendo outros, e essa é a recompensa que a morte empresta à sabedoria. E de resto, aí em Portugal,

segundo consta, exaltando a nossa vida errada, fez-se um livro que não li, apresentando-a como certa.

Não te iludas.

Crê, meu amado, que esta é uma carta de aviso que a ti te envio, mas porque não desejo que te moleste, nem que a recebas como uma prenda incômoda que te seja dirigida, peço-te que a entregues ao Mundo, para que os amantes saibam viver melhor do que nós soubemos. Penosa foi esta escrita de cinza, mas cumpriu-se. Sinto-me feliz por te avisar que ainda é tempo de aproveitares a vida.

Daquela que foi a tua amada,

Teresa Clementina de Albuquerque